

# A IMBRICAÇÃO ENTRE AS RELAÇÕES DE FORÇA E AS FORMAÇÕES IMAGINÁRIAS EM UM VÍDEO DO YOUTUBE <sup>1</sup>

## *THE IMBRICATION BETWEEN STRENGTH RELATIONS AND IMAGINARY FORMATIONS IN A VIDEO OF YOUTUBE*

Fernanda Santos da Silva Queiroz

UEFS

**Resumo:** O presente trabalho visa mostrar, através das interlocuções discursivas de um vídeo do repositório do *YouTube*, a imbricação existente entre as formações imaginárias e as relações de força, tendo como base teórica a Análise de Discurso postulada por Michel Pêcheux. Os mecanismos de antecipação, assim como as projeções possíveis feitas pelo locutor e o interlocutor serão utilizados como pano de fundo para uma investigação de como se dão as formações imaginárias, as quais perpassam posições discursivas, dentro de condições de produção dadas.

**Palavras-chave:** Enunciações no *YouTube*. Formações imaginárias. Relações de Força. Posições discursivas. Antecipações.

**Abstract:** *This paper aims to show the imbrication which exists between imaginary formations and the strength relations through a YouTube video's discursive interlocutions having the support of the Discourse Analysis by Michel Pêcheux as its theoretical basis. The anticipation tools, as well as the speaker and his correspondent's possible projections will be used as the canvas to an investigation on how the imaginary formations take place through discursive positions into given production conditions.*

**Keywords:** *YouTube enunciation . Imaginary formations. Strength relations. Discursive positions. Anticipations.*

## 1 INTRODUÇÃO

O universo do ciberespaço (LÉVY, 2014) e, mais especificamente, da rede social<sup>2</sup> do *YouTube*, tornou-se um campo fértil para a observação do processo de materialização discursiva em seus ví-

---

<sup>1</sup> Este trabalho faz parte da pesquisa referente à dissertação de mestrado em andamento pelo Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos pela Universidade Estadual de Feira de Santana (UEFS).

<sup>2</sup> O *YouTube* é considerado uma rede social desde novembro de 2005, quando houve a implementação de alguns traços típicos das redes sociais, como as listas de recomendações de vídeos; a disponibilização de links de e-mails para o compartilhamento de vídeos (inclusive em outras redes sociais) e a criação da seção de comentários (BURGESS; GREEN, 2009).

deos e por seus locutores, assim como pelos seus interlocutores<sup>3</sup>, os quais fazem-se presentes através de seus enunciados na rede de dados virtual. Seria ingênuo simplificar tais interlocuções discursivas apenas no nível da superfície linguística, tanto das imagens e falas dos vídeos quanto dos enunciados dos sujeitos presentes na plataforma aqui em questão, visto que o que está em jogo para a Análise de Discurso de linha pecheutiana não é o ser empírico que fala, mas o sujeito na esfera discursiva, interpelado por uma ideologia e participe de uma dada formação discursiva, a qual, por sua vez, é perpassada por uma complexa cadeia de já-ditos impressos por uma memória discursiva.<sup>4</sup>

As interlocuções<sup>5</sup> provenientes de uma rede social virtual propiciam a observação da passagem do sujeito do seu *lugar* social à sua *posição* dentro do jogo de projeções engendradas no fazer discursivo. É o salto do ser empírico e de seu papel social para sua inscrição dentro de um posicionamento discursivo, o qual está inevitavelmente atrelado a uma dada formação discursiva (FD) na qual se constitui e, por conseguinte, à sua matriz de sentidos, a qual delimita o que pode ou não ser ali dito por conta de cristalizações do que é ser e estar numa dada posição discursiva e do que é esperado do sujeito que a ocupa. Estas posições discursivas implicam projeções e antecipações por parte dos enunciadores e coenunciadores em diferentes direções, assim como a posição que se ocupa no jogo discursivo desdobra-se em efeitos de sentidos através das relações de força impressas pelas interlocuções na rede. Destarte, surge um questionamento fundante ao presente trabalho: como as posições ocupadas pelos sujeitos dentro de uma dada formação discursiva e, por conseguinte, nas relações de força, interferem nas projeções e antecipações impressas pelas formações imaginárias?

## 2 O DISCURSO: DO UNIVERSO HISTÓRICO AO METÁLICO NO YOUTUBE

A noção de discurso pecheutiana perpassa o terreno da memória discursiva, a qual retoma já-ditos inseridos na repetibilidade dos enunciados na circunscrição limitada de uma dada FD (espaço inevitavelmente ocupado pelo sujeito discursivo). Tais enunciados, por sua vez, remontam a um saber discursivo conhecido e cristalizado juntamente com novos elementos que lhe vão sendo acrescentados ao longo da história, mas que nunca são inéditos pois sempre surgem de algo que os preexiste e com os quais estão essencialmente intrincados. Em outras palavras: a memória discursiva possui limites, está circunscrita aos saberes discursivos relacionados a uma dada FD e a determinação do que pode ou

<sup>3</sup> Tal relação refere-se ao esquema proposto por Pêcheux (2014a), o qual estabelece relações entre A(destinador) e B (destinatário) através de um referente, de um código linguístico comum entre eles e de uma sequência verbal, com vistas à produção de *efeitos de sentido* entre ambos e não somente de uma *mensagem*, diferentemente do esquema emissor X receptor proposto por Jakobson.

<sup>4</sup> O conceito de memória discursiva abordado aqui é proveniente da definição de Freda Indursky (2011, p. 87) e “[...] diz respeito à existência histórica do enunciado no seio de práticas discursivas reguladas pelos aparelhos ideológicos” diferenciando-se, assim, da noção de interdiscurso, o qual não é regulado, não tem limites, pois contém todos os sentidos possíveis, já que “ele se apresenta totalmente saturado. Esta é a natureza do interdiscurso: reunir todos os sentidos produzidos por vozes anônimas, já esquecidas. E é por comportar todos os sentidos que ele se distingue da memória discursiva”. (INDURSKY, 2011, p. 86)

<sup>5</sup> O termo faz referência aos efeitos de sentido existentes entre os enunciados dos sujeitos envolvidos no processo discursivo (entre o enunciador e coenunciador e entre os coenunciadores). (GRIGOLETTO & GALLO, 2015).

deve ser dito nesta fica a cargo da matriz de sentidos que a perpassa (INDURSKY, 2011). Assim, ao se falar em formações imaginárias, faz-se necessária a retomada de suas relações com as FD nas quais o sujeito está inscrito, assim como a imbricação do interdiscurso historicamente marcado às condições de produção e, por conseguinte, ao papel das relações de força nas antecipações materializadas no objeto discursivo. Dessa forma, não há como se ignorar o papel da historicidade nestas constituições das formações discursivas que permitem ao interlocutor identificar suas características representativas marcadas, pois:

Quando o sujeito enuncia, está em jogo uma gama de sentidos que são originados nele, mas que são construídos historicamente. A atividade discursiva pressupõe uma relação que não tem, de direito, início, uma vez que os enunciados se ligam sempre a já-ditos, estão sempre em relação com o “já-lá”, com o pré-construído. (HEINE, 2015, p. 14)

O interdiscurso, por sua vez, instaura-se no campo “[...]do saber discursivo que torna possível todo dizer e que retorna sob a forma do pré-construído, o já-dito” (ORLANDI, 2009, p. 31). Assim sendo, ele contém todos os sentidos das memórias discursivas das FD por conter elementos históricos que as marcam, que lhes são constitutivos, ao passo que, através das tomadas de palavra das diferentes posições no jogo discursivo (do enunciador e do coenunciador), reforçam a posição discursiva da qual o sujeito enuncia, já que “[...]o interdiscurso disponibiliza dizeres que afetam o modo como o sujeito significa em uma situação discursiva dada” (Id. Ibid., 2009, p. 31) e é justamente através desse modo de significar que surgem os desdobramentos nas antecipações e projeções das formações imaginárias.

Os efeitos de sentido provenientes daquilo que é enunciado pelo sujeito faz-se a partir desse todo complexo que envolve desde a imersão das formações imaginárias no interdiscurso até as relações de força das posições ocupadas pelos sujeitos no jogo discursivo. Por conseguinte, não é relevante aqui investigar o que o sujeito “quis dizer” a partir de uma formação discursiva específica, mas, do todo que já foi dito sobre o que ele profere, a partir de um posicionamento ideológico subjacente à sua condição de sujeito, visto que o mesmo não tem controle sobre esse processo, mesmo que tenha a ilusão de ser a origem do seu dizer. A tríade sujeito-discurso-ideologia não se dá de maneira isolada, fora de contextos sócio históricos determinados \_ e é justamente nesta e desta amálgama que os efeitos de sentido são produzidos, a partir das antecipações e projeções feitas pelo enunciador e pelo coenunciador no jogo discursivo do vídeo do *YouTube* aqui em questão.

As condições de produção também são elementos constituintes da análise das formações imaginárias, visto que remetem a uma faceta sociológica da língua, ao fazer “[...] referência ao mecanismo de colocação dos protagonistas e do objeto de discurso” (PÊCHEUX, 2014a, p. 78). Tais condições estão intrincadas às relações de força e aos efeitos de sentido possíveis dentro das posições ocupadas pelos sujeitos do discurso. Por conseguinte, não se pode negar o caráter essencialmente ideológico de tudo que se diz, de modo que “[...] os sentidos sempre são determinados ideologicamente. Não há sentido que não o seja. Tudo que dizemos tem, pois, um traço ideológico em relação a outros traços ideológicos” (ORLANDI, 2009, p. 43). As condições de produção, vistas aqui em sentido estrito

como o contexto imediato da produção discursiva<sup>6</sup>, podem ser exemplificadas, no caso deste trabalho, através do próprio suporte da plataforma de vídeos na internet e das possibilidades que ela oferece aos seus usuários através das caixas de diálogo, das inscrições e categorizações de seus canais e em todas as outras formas de interlocuções possíveis dentro da rede social do *YouTube*. É importante ressaltar que a maneira como as interlocuções dão-se nesta rede social são vistas aqui como *constitutivas* dos efeitos de sentido que ali circulam, não sendo consideradas como algo estanque aos gestos de leitura (PÊCHEUX, 2014b) que ali se fazem presentes. Em outras palavras: o contexto imediato do *YouTube* instaura determinados sentidos por sua própria constituição:

Acrescentamos ainda a importância da instância da circulação onde os dizeres são como se mostram. Os trajetos dos dizeres. E isto nos interessa pois, como procuraremos mostrar, os “meios” não são nunca neutros. Ou seja, os sentidos são como se constituem, como se formulam e como circulam (em que meios e de que maneira: escritos em uma faixa, sussurrados como boato, documento, carta, música etc). (ORLANDI, 2005, p. 12)

Não se pode esquecer que a inserção *YouTube* no terreno do ciberespaço é perpassada por uma historicidade recortada dentro da máquina. Logo, esta instância metálica produz discursivizações dentro de limitações impostas por interlocuções muito peculiares ao seu funcionamento numa linguagem binária, a qual, por sua vez, cria a falsa impressão de ser transparente aos sujeitos que ali enunciam e/ou interpretam. O *YouTube*, ao fazer parte desta esfera metálica, da repetibilidade incessante de fatos travestidos de sentidos, os quais impedem o movimento natural de surgimento de sentidos novos às matrizes de sentido das FDs que ali se fazem presentes, gera, assim, uma *memória metálica* (ORLANDI, 2005), a qual por meio do virtual, assim como o faz a televisão, “[...] *anula* a memória [discursiva], a reduz a uma sucessão de fatos com sentido (dados) quando, na realidade, o que se tem são fatos que reclamam sentidos. É este reclamar sentido que permitiria a historicização, a inscrição do acontecimento na história” (Id. Ibid. p. 180). Tal memória está circunscrita à *formulação e circulação* de discursos, ficando presa, inevitavelmente, ao intradiscurso enquanto recorte do interdiscurso que o preexiste sendo incapaz de *constituir* discursos, já que não produz memória discursiva.

Assim, os gestos de leitura engendrados no meio metálico do *YouTube* não poderiam furtar-se à engrenagem limitadora das enunciações que ali se fazem presentes por meio do aparelho de poder midiático, o qual legitima as vozes de uns em detrimento das de outros e instaura a hierarquia subjacente às relações de força, já que “é o virtual que se põe, atualmente, como esta diferença que constitui o sujeito em sua realidade, em sua propriedade, em sua individualidade” (Id. Ibid. p. 16). Ademais, as interpretações dos sujeitos envolvidos nas interlocuções dos/a partir dos vídeos do *YouTube* não parecem, à primeira vista, produzir escrituras (PÊCHEUX, 2014b), visto que os fatos que ali circulam já foram interpretados em um outro lugar com vistas à manutenção da desigualdade hierárquica própria às relações de força, as quais agora são, também, firmadas no terreno metálico. A grande diferença instaurada nas relações de força no ambiente virtual parece remontar apenas ao seu *funcionamento* em relação à sua instância histórico-social fora da máquina, já que há, no universo das interlocuções do

<sup>6</sup> Definição de Orlandi (2009, p. 30 -31).

*YouTube*, a manutenção da escala desigual de forças.

### 3 ANTECIPAÇÕES E PROJEÇÕES: AS FORMAÇÕES IMAGINÁRIAS

Este trabalho dá enfoque à análise das formações imaginárias, “que designam o lugar que A e B se atribuem cada um a *si* e ao *outro*, a imagem que eles se fazem de seu próprio lugar e do lugar do outro” (PÊCHEUX, 2014a, p. 82), sem, contudo, deixar de lado os outros elementos subjacentes a tais projeções. Assim, dentro da perspectiva da Análise de Discurso difundida por Pêcheux, através do vídeo selecionado, o qual, por sua vez, permite uma análise mais acurada das esferas de antecipações projetadas por cada sujeito no processo discursivo, pretende-se mostrar a imbricação das relações de força às formações imaginárias e a implicação de tal relação na produção de sentidos. Em outras palavras, o fato de o repositório do *YouTube* permitir aos interlocutores a exposição pública e aberta de suas “opiniões” acerca dos vídeos visualizados na mídia digital torna ainda mais interessante o trabalho investigativo das instâncias discursivo-ideológicas que subjazem toda esta gama de projeções feitas por aqueles que produzem e consomem o material veiculado na rede. Assim sendo, tal assertiva não invalida a possibilidade de antecipação do discurso de outrem e, por conseguinte, de se levar em conta o peso de sua posição no processo discursivo pelo interlocutor:

[...] segundo o mecanismo de antecipação, todo sujeito tem a capacidade de experimentar, ou melhor, de colocar-se no lugar em que seu interlocutor “ouve” suas palavras. Ele antecipa-se assim a seu interlocutor quanto ao sentido que suas palavras produzem. Esse mecanismo regula a argumentação, de tal forma que o sujeito dirá de um modo, ou de outro, segundo o efeito que pensa produzir em seu ouvinte. (ORLANDI, 2009, p. 39)

Há aí uma alusão clara à maneira como se dá o mecanismo da antecipação pelo sujeito, já que o mesmo possui a ilusão de estar no controle do processo discursivo e de ser a fonte primordial dos enunciados que profere, esquecendo-se, assim, que é interpelado por uma ideologia que não controla e que tudo que diz já foi, de uma maneira ou outra, dito. Esse sujeito discursivo está envolto em uma teia de elementos que perpassam sua produção de enunciados através das antecipações promovidas pelas formações imaginárias das quais faz parte, as quais lhe permitem afastar-se para observar as projeções de outrem no complexo sistema discursivo-imaginário. Daí o papel fundamental do objeto discursivo aqui selecionado para que seja possível perceber o funcionamento das antecipações e, por conseguinte, das projeções impressas pelos sujeitos discursivos através de seus enunciados na seção de comentários na plataforma do *YouTube*, assim como da enunciação proveniente do vídeo.

As formações imaginárias estão diretamente ligadas aos discursos formulados nas duas esferas enunciativas: a do enunciador e a do coenunciador. Outrossim, faz-se possível, através da delimitação do objeto discursivo, traçar o funcionamento dos efeitos de sentidos entre estes dois pontos por meio da identificação das antecipações do enunciador e das projeções do coenunciador, materializadas em suas enunciações, as quais existem em função da enunciação primeira, oriunda da enunciação audiovisual do vídeo. Logo, os gestos de leitura que ali se fazem presentes, mesmo que sob a anulação do

sujeito que interpreta, diante da variedade do mesmo, dos sentidos já-lá próprios à memória metálica, refletem as antecipações e projeções dos sujeitos envolvidos nas interlocuções a partir do canal do *YouTube*, do qual o vídeo aqui em questão faz parte.

#### 4 AS RELAÇÕES DE FORÇA NA *WEB*: UM VÍDEO DO *YOUTUBE*

O vídeo utilizado para exemplificar o funcionamento das formações imaginárias é intitulado *Não tira o batom Vermelho*, do canal do *YouTube* “Jout Jout Prazer”. O vídeo, lançado em 2015, teve grande repercussão, com números impressionantes: houve mais de 2.000.000 de visualizações, as quais geraram muitas inscrições e seguidores. O tema do vídeo refere-se a relacionamentos amorosos abusivos – fato que se desdobra em FD diversas para a análise: (i) a do enunciador, (ii) a do coenunciador, (iii) a do que comete abusos e (iv) a daqueles que sofrem abusos, já que há narrações de situações de abuso no vídeo e alguns comentários postados que são relatos de situações vividas dentro da problemática abordada.

As projeções e antecipações são a base da produção de sentidos das formações imaginárias, visto que permitem ao sujeito colocar-se no processo discursivo e também observar o papel do outro no jogo de significados que brotam dos enunciados a partir de posições discursivas dadas. Por conseguinte, a sua inserção no imaginário firma-se por meio de formas-sujeito inscritas nas FD partilhadas pelo sujeito no jogo de sua posição em relação ao outro para quem se dirige e vice-versa. Daí a imbricação inevitável entre relações de força e as formações imaginárias: o lugar de onde se fala permite (ou não) certos posicionamentos, atitudes e escolhas linguísticas, as quais criam projeções sobre os outros sujeitos partícipes do processo discursivo e, por conseguinte, na produção de efeitos de sentidos. Em outras palavras: o que interfere diretamente nas projeções e antecipações advindas das formações imaginárias não é apenas a formação discursiva na qual o sujeito se constitui, mas, principalmente, a relação hierárquica subjacente às posições ocupadas pelos enunciadores e coenunciadores, pois a projeção impressa no outro só se dá de forma X ou Y a depender da posição que o locutor e o interlocutor ocupam nesse tabuleiro do jogo discursivo. Assim, as antecipações remontam não somente ao efeito que o locutor supõe produzir em seu coenunciador por meio da sua enunciação, mas, também, através da *posição* ocupada pelo próprio locutor e pelo interlocutor, com interferências no processo de argumentação e nas estratégias discursivas e na forma como seus enunciados criam efeitos de sentido e, conseqüentemente, nos tipos de interlocuções por parte do coenunciador. Para que a análise seja possível, foram feitos recortes de seqüências discursivas<sup>7</sup>, tanto do vídeo quanto dos comentários dos usuários do repositório.

SDV1 - *Esse vai ser um vídeo tenso de gravar, mas eu vou conseguir... porque ele tem que existir. Eu estava com uma mulher maravilhosa outro dia no Facebook. A gente começou a falar de nossas experiências com relacionamentos abusivos que tivemos e a gente quase se abraçou virtualmente porque...(gestos) e aí eu resolvi fazer um vídeo sobre rela-*

<sup>7</sup> As siglas utilizadas para as seqüências discursivas do vídeo serão SDV, enquanto que as referentes às seqüências dos coenunciadores terão as letras SD: ambas serão numeradas em ordem crescente.

*cionamentos abusivos porque...é uma coisa muito recorrente...geralmente você não sabe que tá num relacionamento abusivo. Uma parte de você sabe, mas você meio que não sabe ao mesmo tempo... (...) eu vou agora falar um pouco sobre relacionamentos abusivos.*

SDV2 - Estupro pode ser dentro de casa, com seu namorado. Então, por favor, se você conhece alguém que está em um relacionamento abusivo, avisa essa pessoa porque *essa pessoa não sabe* ou *essa pessoa está em negação* porque é geralmente assim que a gente fica quando estamos sofrendo coisas porque a gente fica achando que *merece* aquele sofrimento. Porque *nós somos vadias, burras, sujas e estúpidas que merecem sofrer para aprender a valorizar um homem de verdade...* então... avisa pra ela que isso não é verdade, que não precisa de nada disso. Tá bem? Vamos sair disso. Se precisar de uma ajuda, estamos aí...

Vê-se, nas duas seqüências discursivas do vídeo, o estabelecimento de uma relação *simétrica* entre enunciador e coenunciador, a qual dá indícios acerca das relações de força subjacentes às interlocuções discursivas na rede. Por que simétrica? Porque há aí uma polarização hierárquica, no campo discursivo das condições de produção dos vídeos do *YouTube*, que separa o enunciador (influenciador digital<sup>8</sup>) do coenunciador, cujos enunciados são sempre provenientes da “fonte”, ou seja, do sujeito que enuncia nos vídeos. Em outras palavras: há sempre uma *matriz de sentidos* determinante, que indica o que deve ou não ser dito, a partir da FD do locutor, a qual também delimita o espaço da FD do interlocutor. Destarte, ao estar fora da FD dominante de influenciador digital, o coenunciador acopla-se às limitações impostas pela forma-sujeito à qual pertence, assumindo, assim, através de uma identificação norteada, a posição-sujeito de espectador.

A temática do vídeo, em sua materialização no intradiscurso, traz consigo a noção de uma suposta ruptura com a matriz de sentidos atrelada às FDs dentro dos relacionamentos abusivos de cunho amoroso. E, apesar de a SDV1 trazer como justificativa para a *emergência* de sua existência relatos provenientes daqueles que sofrem tais abusos, deixando no campo do implícito de que relacionamentos abusivos seriam algo dentro do esperado nas interlocuções sociais (é uma coisa muito recorrente), o enunciado deixa escapar o suposto “inédito” de sua existência através do não-dito: se precisa existir, significa que não há outros vídeos que falem abertamente sobre um tema tão “tenso” e que rompam com as relações de força inerentes aos sujeitos que cometem o abuso e dos que o sofrem. Assim, o pertencimento da enunciativa a uma outra FD<sup>9</sup>, a de influenciadora digital feminista, “[...] torna possível atentar para as estratégias diversas que buscam, ao ocultar os traços de historicidade do/ no discurso, instaurar uma suposta novidade em meio a um emaranhado discursivo eminentemente não original” (SANTANA NETO, 2015, p.39), pois a ilusão de ser a origem do seu dizer embasa seu discurso de “fonte”, de originalidade, de ruptura, de suposto acontecimento histórico impresso no/ pelo discurso. E é justamente esta ilusão adâmica que antecipa seu tipo de coenunciador e os possíveis efeitos de sentido provenientes de tal relação relativos à sua própria posição nas discursivizações do/a

<sup>8</sup> O termo *digital influencer* (influenciador digital) é utilizado na *web* e nos eventos sociais promovidos para as comunidades digitais para designar *youtubers* e blogueiros.

<sup>9</sup> O pertencimento da enunciativa a FD diversas reforça o caráter fluído de suas barreiras, pois que o fechamento das FDs não é rígido e suas fronteiras são porosas, permitindo migração de saberes. (INDURSKY, 2011, p. 71)

partir do vídeo (“quem sou eu para lhe falar assim?”/“quem é ele para que eu lhe fale assim?”/ “de que lhe falo assim?”) (PÊCHEUX, 2014a, p. 82 -83).

Tanto na SDV1 quanto na SDV2, o interlocutor é colocado na posição daquele que desconhece sua situação, dentro de um modelo estereotipado da *cena comum* (RANCIÈRE, 2009), o qual reproduz cristalizações provenientes de uma matriz de sentidos que determina sua forma-sujeito inserida na invisibilidade, na sua falta de qualidade e de conhecimento acerca de sua própria situação no jogo discursivo, para que a polarização das FD fique bem marcada no/pelo discurso do locutor. Para sair do lugar da *cena comum* e, para adentrar o universo de autoridade, a locutora lançou mão do *discurso da competência* (Id. ibid.), mostrando, através de seus enunciados, que é detentora dos conhecimentos necessários sobre os relacionamentos abusivos, que possui experiência e, por conseguinte, *competência* para se opor ao discurso dominante do abuso.

O deslizamento de sentidos impresso pelos enunciados em destaque na segunda parte da SDV2 (Porque *nós somos vadias, burras, sujas e estúpidas que merecem sofrer para aprender a valorizar um homem de verdade*), através de retomadas parafrásticas provenientes do discurso dominante do abuso, dentro de pré-construídos cristalizados na memória coletiva e reforçados pela memória metálica (ORLANDI, 2005), remetem a efeitos de sentido que antes não poderiam ocupar espaço na matriz de sentidos da opressão do abuso, mas que, diante de acontecimentos históricos (como a suposta “liberdade de expressão” e a “democratização” da mídia digital), imprimem novas significações aos enunciados destacados, permitindo à enunciadora estabelecer uma relação de tensão que visa romper e, ao mesmo tempo, estabelecer novos sentidos à FD dominante do abuso através do *discurso transversal* (INDURSKY, 2011). Percebe-se aí o eco metonímico do pré-construído, ao passo que sua apropriação pela SDV2, produz um sentido outro, de retomada/rompimento com o pré-construído. A grande charada aqui refere-se ao fato de que, embora haja uma aparente ruptura com o discurso dominante do abuso, há, também, a manutenção inevitável das relações de força sob outra perspectiva: ao romper com a autoridade imposta pela FD do abuso, a enunciadora toma para si outra FD dominante: a de *autoridade midiática*, mantendo, assim, a relação ascensional de forças entre sua posição discursiva e a dos sujeitos a quem se dirige. Tal status está marcado em todas as SD selecionadas, provenientes dos usuários do canal do *YouTube*<sup>10</sup>:

SD1 – (Júlia diferente) Depois de uns 5 meses de namoro, sempre que eu descobria coisas sobre ele e o questionava, ele me dava um presente caro, até que um belo dia eu decidi terminar com ele, e então ele disse “se quiser terminar eu vou pegar tudo o que te dei e vou inventar coisas sobre vc pro seu pai, vc escolhe”. devolvi tudo a ele, minha família se virou contra mim, porém *ganhei a liberdade. Obrigado pelo vídeo, obrigado por tudo.*

SD2 – (Suzy M.) Gente, que bom que se livrou dele, fiquei sufocada só de lê. Passei por um relacionamento abusivo também, vir esse vídeo um tempinho depois que terminamos e me sentir super aliviada sabe, com aquela sensação de “fiz a coisa certa” parecia que tinham tirado um peso das minhas costas. Fico feliz por todos que conseguem se livrar de pessoas assim, *porque quando estamos em um relacionamento assim*

<sup>10</sup> Os comentários mostrados aqui estão escritos exatamente como o estão no *YouTube*. Os nomes são fictícios.



*e difícil encher a que tem algo errado, esse vídeo da Jout Jout é perfeito.*

SD3 – (Ariadne S.) Ah, sim ele [o namorado] era um amor quando queria, mas quando mais precisava ele se mostrava o monstro. Ontem notei que não existia amor, afinal amor não machuca, amor é a única coisa que salva, e vai ser o meu amor próprio que vai me salvar agora. *Obrigada por esse vídeo, você é mais importante pra mim do que imagina!*

SD4 - (João G.) Relacionamento abusivo é muito frequente e as principais vítimas são mulheres, fiquei chocado com alguns comentários *de mulheres que agora sabe ou que tiveram um relacionamento abusivo por causa do vídeo.*

A inserção e consequente identificação do interlocutor com a tomada da posição-sujeito da cena comum, do sujeito-interlocutor que sofre abusos, fora dos limites circunscritos das FD dominantes (tanto a da enunciativa, quanto a dos sujeitos que cometem o abuso), mostra que “[...] o mecanismo de respostas é afetado pelas antecipações. Há ‘decisões antecipadoras’ do locutor, sancionadas pelos valores que precedem as eventuais respostas do interlocutor” (ORLANDI, 1996, p. 126). Assim, as interlocuções dos/entre os coenunciadores já são esperadas, já estão no terreno do previsível, inclusive do *tipo* de resposta a ser gerada. Não é surpreendente, por exemplo, o fato de este vídeo ter sido o que deu a maior visibilidade ao canal ao qual pertence, colocando-o, assim, entre um dos mais famosos do *YouTube* brasileiro: a decisão antecipadora de tratar de um tema de grande relevância em condições de produção de um momento histórico de emergência das mídias digitais, as quais, *a priori*, dão voz a minorias e que aparecem “[...] não apenas como suporte ideológico de discursos dominantes, mas também como espaço de produção de estratégias de rebelião e resistência contra discursos oficiais” (GREGOLIN, 2003, p. 108), deixa evidente que tal espaço foi gerado com o intuito de ser popular, de conter o maior número possível de usuários, os quais possuem a ilusão de estarem livres para gerar sentidos que mobilizem movimentos de ruptura em relação à ideologia dominante. No entanto, o que se vê é justamente o contrário: a mídia digital oculta seu caráter altamente mercadológico de *gerenciadora de memória* (DELA SILVA; DIAS, 2015), esforçando-se para circunscrever os limites dos efeitos de sentidos permitidos no seu domínio, na tentativa de estabilizá-los através do estabelecimento de arquivos dentro de uma repetibilidade vigiada e disciplinadora, com vistas a demarcar o que é relevante para ser dito em um determinado momento histórico.

Diante do exposto aqui, faz-se necessário um levantamento esquemático das consequências provenientes da decisão antecipadora impressa pelas formações imaginárias por parte da enunciativa, fenômeno que será chamado aqui de *movimento-efeito discursivo do alpinista*: sua enunciação propicia uma *escalada* gradual da FD da enunciativa da posição-sujeito comum ao coenunciador rumo ao “topo” do jogo discursivo, a saber:

- (i) Há, de início, uma delimitação muito clara da FD (há aí apenas uma FD para o enunciativo e o coenunciador) à qual o enunciativo supostamente pertence, explicitada por enunciados que revelam a matriz de sentidos que perpassa tal FD.
- (ii) No segundo momento, há uma identificação direcionada do coenunciador com a forma-sujeito e, por conseguinte, a tomada de posição-sujeito dentro da FD do enunciativo, a qual gera interlocuções bastante previsíveis.

- (iii) A próxima etapa remonta à escalada do enunciador rumo à polarização da sua FD com a FD do coenunciador (movimento) que legitima sua posição de autoridade nas relações de força por meio do discurso da competência e mantém o coenunciador na base, na posição discursiva da cena comum (efeito).
- (iv) As posições discursivas dos elementos constituintes das formações imaginárias são muito bem definidas, principalmente no que concerne aos seus limites e aos possíveis efeitos de sentido produzidos sempre do topo (posição do enunciador) para a base (posição do coenunciador). A ilusória hibridização hierárquica das FD de ambos, a princípio, sofre uma ruptura significativa e as relações de força fazem-se presentes simetricamente e, de maneira tão suave, que o coenunciador, na maioria dos casos, sequer percebe tal polarização, afinal não lhe cabe a opção evidente da escalada no regime vigiado das ideologias dominantes nas mídias digitais.

Assim, o movimento-efeito de escalada envolve as duas instâncias enunciativas sob diferentes perspectivas: ao enunciador dá-se enquanto sua ascensão na escala de poderes, ao passo que para o coenunciador tal movimento constitui-se como um efeito de autoridade, necessário à manutenção da hierarquia homogeneizadora própria ao universo metálico do *YouTube*. Os hábitos de consumo atrelados ao movimento-efeito do alpinista refletem a ideologia que dá suporte ao seu mecanismo de funcionamento para além da superfície linguística. O coenunciador, ao dirigir-se a uma FD de autoridade, legitimada pelo aparelho de poder midiático, fica preso a um círculo vicioso e incessante de uma corrida rumo ao desconhecido inalcançável, já que precisa manter as relações de força vigentes para que possa, também, aquecer a gigante máquina capitalista da qual faz parte e da qual não possui instrumentos para se desvencilhar.

## 5 CONCLUSÃO

Os mecanismos pelos quais se dão as projeções e antecipações no universo das mídias digitais, das quais o *YouTube* faz parte, deixa pistas de que as formações imaginárias sofrem, cada vez mais, a pressão exercida pelas relações de força provenientes de condições de produção que vão para além da cibercultura em si, mas que partem de acontecimentos históricos determinantes da memória discursiva de fora para dentro da *web*: é como se o universo das mídias digitais fosse o reflexo do todo que o preexiste e circunda, visto que sua constituição dá-se pelo recorte de fatos mostrados ao coenunciador como se fossem todos os sentidos possíveis, como se fossem o próprio interdiscurso, mas que, em realidade, não o são. A maneira plástica como os discursos circulam e são formulados no universo metálico reforçam o funcionamento do aparelho de poder midiático sob a égide da ideologia capitalista e as consequências nos gestos de leitura ali se fazem presentes.

A estratégia midiática de criar espaços de grande visibilidade, com vistas à mercadologização das interlocuções dos sujeitos, vestindo o disfarce da democratização do ciberespaço, não parece ser limitada ou assintomática, no sentido de criar para o coenunciador a utopia de fazer com que ele *acredite* definir, moldar e desvendar a construção e exposição dos enunciados nos quais está envolto, os quais são produzidos a partir de formas-sujeito que implicam identificações orientadas e moldadas através de antecipações e projeções esperadas, resultando em interlocuções dentro do campo do previsível. Assim, o sujeito está preso em uma gigantesca gama de assujeitamentos que partem desde a instância

ideológica e ao código linguístico ao qual precisa se render, até a delimitação das matrizes de sentido impostas pelas mídias digitais num regime de repetibilidade que incita a produção de efeitos de sentido limitados e, por conseguinte, resulta em projeções aparentemente manipuláveis.

## REFERÊNCIAS

BURGESS, Jean; GREEN, Joshua. *YouTube: Digital Media and Society Series*. Malden, MA: Polity Press, 2009.

DELA SILVA, Silmara; DIAS, Juciele Pereira. Felicidade, um arquivo. Sobre a noção de arquivo e seu funcionamento no discurso na/da mídia. In: INDURSKY, Freda; FERREIRA, Maria Cristina Leandro;

MITTMANN, Solange (Orgs.). *Análise do discurso dos fundamentos aos desdobramentos (30 anos de Michel Pécheux)*. Campinas: Mercado de Letras, 2015, p. 123 - 135.

GREGOLIN, M. R. O acontecimento discursivo na mídia: metáfora de uma breve história do tempo. In:

GREGOLIN, M. R. (org.). *Discurso e mídia: a cultura do espetáculo*. São Carlos, SP: Claraluz, 2003, p.95-110.

GRIGOLETTO, Evandra; GALLO, Solange L. Sujeito e memória em textualidades digitais. In: INDURSKY, Freda;

FERREIRA, Maria C. L.; MITTMANN, Solange (Orgs.). *Análise do Discurso: dos Fundamentos aos Desdobramentos – 30 anos de Michel Pécheux*. Campinas, SP: Mercado das Letras, 2015, p. 307 -317.

HEINE, Palmira. Entre a magreza e o sobrepeso: Discurso, corpo e sentido sobre a mulher em anúncios publicitários. In: HEINE, Lícia Maria Bahia et al. *Sujeito e discurso: Diferentes perspectivas teóricas*. Salvador: EDUFBA, 2015, p. 11 -33.

INDURSKY, Freda. O ideológico e o político no discurso do/sobre o MST. In: INDURSKY, F; FERREIRA, M.C.L.; MITTMANN, S. (Orgs.). *O acontecimento do discurso no Brasil*. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2011, p. 277 -293.

LÉVY, Pierre. *Cibercultura*. São Paulo: SP. Editora 34, 2014.

\_\_\_\_\_, Freda. A memória na cena do discurso. In: INDURSKY, Freda; MITTMANN, Solange; FERREIRA, Maria Cristina Leandro (organizadoras). *Memória e história na/da análise do discurso*. Campinas, SP: Mercado de letras, 2011a, p. 67 -89.

ORLANDI, Eni. *A Linguagem e seu Funcionamento: as formas do discurso*. Campinas, SP: Pontes Editores, 1996.

\_\_\_\_\_, Eni P. *Discurso e Texto. Formulação e Circulação dos Sentidos*. Campinas, SP: Pontes, 2ª edição, 2005.

\_\_\_\_\_, Eni. *Análise De Discurso. Formulação e Circulação dos Sentidos*. Campinas, SP: Pontes, 2009.

PÊCHEUX, Michel. *Por uma análise automática do discurso*. Campinas: Editora da Unicamp, 2014a.

\_\_\_\_\_, Michel. Ler o Arquivo Hoje. In: Orlandi, Eni (Org.). *Gestos de Leitura da História no Discurso*. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2014b.

RANCIÈRE, Jacques. *A partilha do sensível*. Tradução de Mônica Costa Netto. São Paulo, SP: EIXO Experimental, 2009.

SANTANA NETO, João Antônio de. Ainda seguindo as pistas do “Episódio no Passeio”. In: HEINE, Lícia Maria

B; NERY, Marta Maria; NEIVA, Nordélia; CRISTO, Adielson R. De; CRUSOÉ, Myrian (Orgs.). *Sujeito e discurso: Diferentes perspectivas teóricas*. Salvador: EDUFBA, 2015, p. 35- 55.

### **Fernanda Santos da Silva Queiroz**

---

Possui graduação em Letras Vernáculas, com dupla licenciatura em língua inglesa e portuguesa e respectivas literaturas, pela Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB) em 2004. Atualmente é professora de inglês da rede pública do estado da Bahia e do município de Lauro de Freitas, na Bahia. É estudante do Mestrado em Estudos Linguísticos pela Universidade Estadual de Feira de Santana (UEFS).

Possui experiência na área de Letras, com ênfase em Linguística e é especialista em Estudos Linguísticos e Literários pela Universidade Federal da Bahia (UFBA). Possui certificação em TESOL pela Cambridge.

E-mail: teachernandass05@gmail.com

*Enviado em 30/05/2018.*

*Aceito em 30/07/2018.*